

A RELEVÂNCIA DA ÁREA SOCIAL E DE LAZER EM UM PROJETO RESIDENCIAL

GIRARDELLO, Patrícia Cristina Silva de Oliveira.¹
SOUSA, Renata Esser.²

RESUMO

A necessidade de existir uma área social e de lazer em uma residência justifica-se pelo poder de sociabilização, o que proporciona a convivência entre os usuários, estimula a intercomunicação e que também possui a capacidade de conduzir ao relaxamento e a concentração. O propósito da arquitetura de interiores é o aperfeiçoamento funcional, o requinte estético e o desenvolvimento psicológico dos espaços. O presente artigo esclarece a relevância da área social e de lazer, e também apresenta um dos anteprojetos do “Meu Cantinho de Cara Nova” – 3ª Edição, uma iniciativa do CAUFAG (Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro FAG), que atende funcionários da instituição e do Hospital São Lucas com anteprojetos realizados por acadêmicos na cidade de Cascavel-PR.

PALAVRAS-CHAVE: Área social, área de lazer, área externa, projeto de interiores, residência.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo abordou o assunto: áreas sociais e de lazer em residenciais, e sua importância.

O conforto empregado em ambientes domésticos avança a habitabilidade. As qualidades de habitabilidade em uma residência são: abrigar uma família, possuir a memória da família que nela reside, representar a identidade de quem habita, possuir espacialidade e funcionalidade, proporcionar conforto térmico, conter móveis que preencham de forma adequada o espaço, espaços dimensionados conforme necessidade da família e por fim ser um refúgio em relação ao exterior (SILVA; SANTOS, 2013).

As áreas de lazer e descanso também podem ser definidas como espaço social em uma residência, esse espaço estabelece relações sociais e funcionais que dependem do propósito a que se destina. É nesse espaço que acontece a sociabilização, e deve apresentar uma atmosfera que propicie a convivência entre os indivíduos (ZMYSLOWSKI, 2008).

A justificativa referiu-se na vida agitada do período contemporâneo, que induz o homem a buscar em sua casa um espaço destinado ao lazer e repouso, local que irá ajudá-lo a se desligar das dificuldades e problemas do cotidiano. Esse lugar deve reunir harmonia, beleza e praticidade; elaborado com o pensamento funcional e estético, para proporcionar bem-estar e calma ao usuário, sendo capaz de consolar contra as tensões externas. Por meio da arquitetura de interiores e decoração, é possível oferecer o conforto desejado à uma quantidade maior de pessoas (MANCUSO, 2010).

¹ Acadêmica do 10º Período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário – CEFAG. E-mail: patriciagioliveira@gmail.com;

² Arquiteta e Urbanista. Mestre em Arquitetura e Urbanismo UEM | UEL. Professora do Centro Universitário FAG do curso de Arquitetura e Urbanismo e orientadora da presente pesquisa. E-mail: re.esser@hotmail.com.

O problema da pesquisa baseou-se no seguinte questionamento: “Qual a relevância de uma área de lazer e descanso em uma residência? ”.

A formulação da hipótese foi fundamentada na necessidade de toda a residência possuir um espaço social para lazer e descanso, sendo aproveitado de diversas maneiras como: sala de visitas, jardim de inverno, estar externo, espaço gourmet, área de lazer da piscina, pergolado entre outros. A família precisa de uma área social agradável para convivência.

Intencionando a resposta ao problema do artigo, foi imposto o objetivo geral de apresentar diferentes tipologias ligadas à área social, lazer e descanso e suas características. Para atingir o objetivo geral foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- a) Apresentar o conceito de arquitetura de interiores e conforto em uma residência;
- b) Apresentar a definição de área social residencial;
- c) Compreender as tipologias empregadas no termo área social interna e externa;
- d) Apontar influências da arquitetura de interiores nesses ambientes como: cor, iluminação natural e iluminação artificial, vegetação e revestimentos.

O marco referencial teórico utilizado que possui uma importante tendência metodológica foi o livro: “Projetando Espaços - Guia de Arquitetura de Interiores para Áreas Residenciais” por Miriam Gurgel. O livro possui pistas epistemológicas, que incorporam a teoria do conhecimento específico que se quer elucidar, e apresenta estratégias para elaboração de áreas sociais, lazer e descanso.

Após a fundamentação teórica sobre o tema elegido, foi realizado uma breve análise do projeto de área de lazer na disciplina de Estágio Supervisionado: Arquitetura.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo abrange os fundamentos teóricos para elucidar a problemática da pesquisa, possui suporte de conceitos para a compreensão de processos implícitos no contexto do problema, e apresenta também o desenvolvimento do tema, sua conceituação e análise de medidas e ações relacionadas ao tema. Por fim, será apresentado uma breve análise do projeto de área de lazer na disciplina de Estágio Supervisionado: Arquitetura, para análises e discussões posteriores.

2.1 ARQUITETURA DE INTERIORES

A arquitetura de interiores inevitavelmente transcende a definição arquitetônica do espaço. Ao projetar o layout, o mobiliário e o embelezamento do espaço, o projetista de interiores deve ser estar ciente de sua originalidade arquitetônica, tanto quanto de sua capacidade de transformações e melhoria. O projeto de interiores exige, conseqüentemente, além do entendimento de arquitetura no geral, a compreensão de enobrecer as qualidades essenciais de um espaço arquitetônico (CHING, 2006).

O formato básico de um espaço, os elementos arquitetônicos, os revestimentos, as cores, os móveis, etc. Invariavelmente irão interferir no desfecho de um projeto. Logo, ser capaz de evitar alguns problemas e explorar aspectos positivos de um ambiente é fundamental para o êxito na decoração (GURGEL, 2009).

O propósito da arquitetura de interiores é o aperfeiçoamento funcional, o requinte estético e o desenvolvimento psicológico dos espaços. Há vários critérios de interesse para elaboração de um projeto: Função e objetivo (a função exigida deve ser atendida, e o objetivo deve ser alcançado), utilidade e economia (o projeto deve retratar utilidade, integridade e economia na escolha e no uso de materiais), forma e estilo (o projeto deve ser agradável esteticamente aos olhos e ao demais sentidos) e por fim, o projeto deve atender ao critério de imagem e significado (o projeto deve apresentar um cenário e promover e finalidades comuns que transmitam valor às pessoas que o experimentam e o utilizam (CHING, 2006).

O domínio técnico e a criatividade na organização de um projeto, são pré-requisitos na formação profissional na área de arquitetura de interiores. É fundamental que o projeto apresente as diversidades culturais do país, buscando aplicar o estudo da forma e função nos ambientes, melhor dizendo, empregando a harmonia entre a estética e a funcionalidade, de modo que as expectativas culturais de cada indivíduo sejam atendidas (GURGEL, 2002).

A arquitetura de interiores é vai além dos revestimentos, móveis, cores, texturas e linhas: é movimento, é ação, é vida (MANCUSO, 2010a).

2.1.1 Utilização do *Design*

Design não é exclusivamente desenho: é o fruto de um processo de criação. Há *design* em tudo que necessitou de um processo criativo, do uso, de forma racional, de aspectos específicos em um projeto. Esses aspectos são elementos do *design*: cor, luz, textura/padronagem, linha, forma e

espaço. Além desses elementos, são considerados alguns princípios do *design*: contraste, escala e proporção, unidade, harmonia, ritmo, ênfase e pontos de interesse, variedade e equilíbrio. Para concluir e completar o processo criativo, é necessária a afirmação da influência de questões como: estilo, tecnologia, materiais disponíveis e função (GURGEL, 2009).

Relacionando a forma pela qual agimos às temperaturas, à iluminação (com medidas anatômicas ideais), e ao som, determinamos um parâmetro que deve ser aplicado como base no *design* de espaços mais funcionais e humanizados, bem como no *design* de peças de mobiliário e design de equipamentos (GURGEL, 2002).

Sobre o olhar da neurociência, as emoções e os sentimentos representam, a largada para que o *design* reflita o vínculo entre usuário e objeto, buscando novas opções para a compreensão do relacionamento entre o ser humano e o objeto, colaborando com a história material do homem. A elaboração de um projeto com apelo emocional é desfrutada no mundo contemporâneo. Criar objetos que possuam a capacidade de transmitir o bem-estar, sucedeu, hoje, uma tendência promissora para os *designers*: produzir objetos que provoquem uma emoção no usuário é considerada uma mina de ouro para o setor industrial. Contudo, os objetos devem ser criados também para converterem-se em mensagens de comunicação e atuarem de forma direta na socialização dos indivíduos (RIBEIRO, 2009).

2.2 CONFORTO EM UMA RESIDÊNCIA

Os espaços internos das residências são projetados como ambientes de movimento, atividade e repouso humano. Deve haver, desta maneira, a harmonia entre a forma, dimensões dos espaços e as dimensões corporais. Há também um equilíbrio entre como controlar nosso espaço pessoal e a necessidade de limitar distâncias sociais. Além das condições físicas e psicológicas, o ambiente também possui características térmicas, olfativas, auditivas e táteis que influenciam no modo como é sentido e utilizado (CHING, 2006).

Em conteúdos psicológicos, não há nada que substitua o “bem-estar de quem habita”; compreendendo habitar como usufruir do espaço. O indivíduo necessita sentir-se bem em sua casa. A primeira residência, a segunda residência, porventura a terceira e definitiva. Respeitar as modificações no número de familiares, no modo em que essas pessoas utilizam este espaço com desenvolvimento e evolução, a inclusão de novos membros na família ou a desagregação desta família para a formação de outras. Sociologicamente, o tema é um estudo encantador, e por vezes, é somente visto como o “reflexo das ações humanas” (MANCUSO, 2010a).

As dimensões corporais e a forma como as pessoas se movem no espaço são aspectos primordiais dos projetos de arquitetura e interiores. Existe uma diferença entre dimensões estruturais do corpo humano e necessidades espaciais resultantes como as pessoas interagem com as outras, descem um lance de escadas, se sentam a uma mesa ou se esticam para alcançar alguma coisa sobre uma prateleira. Essas dimensões funcionais variam conforme a atividade executada e a situação social (CHING, 2006).

Para garantir o conforto residencial é preciso aplicar a Ergonomia, que é a ciência que determina de modo preciso as características corporais, fatores psicológicos e a fisiologia, com a intenção de enriquecer a relação existente entre os usuários e o meio ambiente (GURGEL, 2002).

É fundamental ser cauteloso no uso de tabelas de dimensões ou ilustrações, elas são organizadas em medidas padrões (típicas ou médias) que ocasionalmente devem ser modificadas para corresponder às necessidades de usuários específicos. Oposições à norma sempre irão ser encontradas, conforme grupos etários e étnicos, diferenças entre homens e mulheres. Voltando ao assunto etário, a maior parte de indivíduos, vivencia fases distintas e habilidades à medida que crescem e envelhecem, mudanças como: capacidade física, altura e peso. Essas transformações no decorrer do tempo influenciam no modo de vida e na forma como um espaço irá receber ou acomodar (CHING, 2006).

Temos o poder de não concordar com projetos de ambientes que não respeitam as proporções do corpo humano e seus limites. Ambientes mal projetados, com recursos inapropriados aos seus usuários, são consequências da falta de conhecimento e pesquisa das necessidades referentes à execução de tarefas específicas. Garantir conforto e bem-estar deve ser o objetivo principal de qualquer projeto (GURGEL, 2002).

Antigamente, o fator pessoal não tinha poder nas opções e definições do espaço. Os mesmos eram planejados de forma geral, para uma determinada categoria. No período atual, a caracterização do ambiente está mais pessoal, o homem está especializado nesse processo e a valorização dirigida a ele e ao seu bem-estar é individual (MANCUSO, 2010a).

É essencial que os espaços sejam projetados especificamente para sua função, peças e mobiliário adaptadas ao usuário e função, iluminação que não provoque reflexo nos olhos, armários adequados e acessíveis. Aplicar os conceitos e padrões ergonômicos é primordial (GURGEL, 2002).

No período contemporâneo, maior parte da população ocupa suas residências, locais de trabalho e outros edifícios. Esse modo de viver enraizado em algum espaço construído interfere nos padrões de conforto e eficiência energética das edificações. O vínculo complexo e interdependente

entre pessoas, clima e edifícios produz impactos no consumo de energia. O aspecto mais importante no conforto ambiental é o conforto térmico que é interpretado pela sensação de satisfação com a temperatura (GONÇALVES e BODE, 2015).

Atingimos o conforto térmico quando o sistema de produção de calor pelo corpo estiver equilibrado, isto é, o corpo precisa de um trabalho mínimo para se termo regularizar. Alcançamos também quando apresentamos equilíbrio entre a perda de calor do ambiente e a perda de calor do corpo. As recomendações para determinar o clima ambiental no interior dos edifícios são: No verão as temperaturas devem ser agradáveis de 20-24°C e no inverno mais ou menos 21° C (NEUFERT, 2014).

Para obter o conforto acústico é necessário levantar informações acústicas (tempos de reverberação e níveis de ruído) e informações do sistema construtivo do projeto, para em seguida analisar e elaborar os projetos de condicionamento e isolamento acústicos (SIMÕES, 2011).

No panorama ambiental, o espaço construído deve oferecer ao usuário, especialmente, um estado mínimo de ocupação seguido de uma sensação mínima de conforto. Vale evidenciar que, a respeito de questões visuais, térmicas e de iluminação (campos de domínio do conforto ambiental), devem ser aplicadas simultaneamente no projeto arquitetônico. Essa integração apresenta uma ótima performance energética na arquitetura, apropriadas ao edifício e ao usuário, resultando em ambientes eficientes e aconchegantes (GARROCHO, 2005).

2.3 ÁREA SOCIAL RESIDENCIAL

A área social é adequada para negociações profissionais, sociais e informais. A comunicação acontece sob níveis de voz normais a aumentados (CHING, 2006).

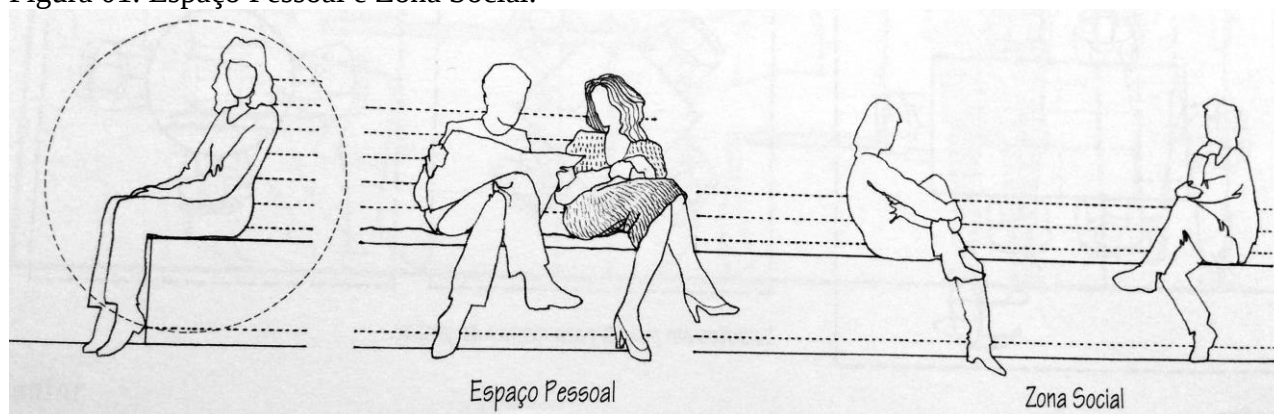
Os espaços reservados à sociabilização devem possuir uma atmosfera que proporcione a convivência entre os usuários, que estimule a intercomunicação e que conduza ao relaxamento e a concentração. É essencial estudar a relação entre as pessoas que irão usufruir do ambiente, do mesmo modo, como suas expectativas. Uma das orientações é analisar todas as atividades que serão executadas nesses espaços, e levantar todos os aspectos que devem obrigatoriamente estar presentes no projeto para que a realização das mesmas ocorra de modo satisfatório. É preciso buscar soluções inovadoras e específicas para cada ambiente (GURGEL, 2002).

O homem, assim como os animais, possui a percepção dos usos adequados do espaço entorno de seus corpos, divergindo conforme os grupos, a cultura e as pessoas de um grupo. Isso é denominado de defesa de um indivíduo ou espaço territorial. O comparecimento de outras pessoas,

objetos e do espaço imediato podem expandir ou contrair a sensação de espaço pessoal. A intromissão do espaço pessoal de um indivíduo pode influenciar seus sentimentos e reações com relação ao seu entorno e tudo dela (CHING, 2006).

Na (Figura 1) podemos observar a diferença de espaço pessoal e zona social.

Figura 01. Espaço Pessoal e Zona Social.



Fonte: Ching (2006).

Sintetizando, a área social residencial emprega o relacionamento entre os familiares. O processo construtivo atual é bastante criticado, pois o lucro é o ponto primordial. Inúmeras são as circunstâncias onde a intervenção posterior é necessária em detalhes que poderiam ser realizados durante a construção e não foram por economia. Acarretando uma despesa maior para a resolução do problema. No momento atual, a área social ficou escancarada, e compõe na maioria das vezes, um grande ambiente onde tudo acontece. A privacidade migrou para os dormitórios e banheiros, possivelmente, o banheiro seja o único lugar íntimo da casa. Isso explica o motivo do número desse ambiente ter crescido tanto nas residências (MANCUSO, 2010a).

2.4 TIPOLOGIAS DE ÁREAS SOCIAIS E DE LAZER

Esse subitem apresenta diversos tipos de ambientes sociais em uma residência, sendo eles internos e externos.

2.4.1 Áreas Sociais Internas

- **Hall de Entrada:**

A funcionalidade do hall de entrada é de convite à entrada, atendimento de quem chega, recepção, armazenamento de objetos de quem chega ou de quem sai, possivelmente o posicionamento de um aparelho telefônico e interfone (MANCUSO, 2010a).

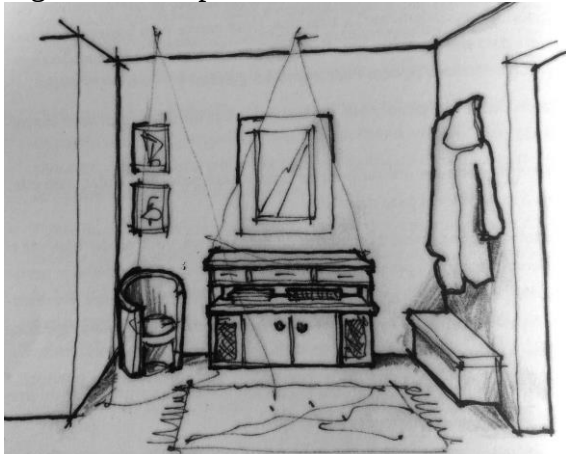
O hall deve ser uma demonstração reduzida do que será encontrado na residência. A porta de entrada pode ser distinta das demais em tamanho e material, mas deve preservar o mesmo estilo. Grandes espelhos ou cores claras auxiliam na ampliação do espaço. O uso de cor forte deve ser aplicado em apenas uma parede. Um bom projeto de iluminação ampara e clareia o ambiente, fugindo da claustrofobia no local (GURGEL, 2002).

A necessidade de existir um hall de entrada em uma residência é pela função de distribuir os setores da casa, e possui uma espécie de fronteira entre estranhos e a intimidade do lar. Ele é um espaço altamente dinâmico, suas funções são envolvidas pela mobilidade, sendo assim, nada deve impedir ou dificultar o movimento. Esse espaço deve possibilitar uma boa impressão e é digno de um carinho especial na decoração, pois é o primeiro impacto visual, o cartão de visitas da residência. Quando há a inexistência desse ambiente, por conta do projeto arquitetônico, o arquiteto de interiores ou *designer* de interiores sujeita-se a sua existência com soluções como divisórias fixas ou mobiliário especial. O fato do hall possuir poucos elementos não expressa que o hall é um local impessoal e sem personalidade. E sim o oposto, possui a obrigação de ser imagem da individualidade e escolhas dos moradores (MANCUSO, 2010^a).

A imagem do hall de entrada estabelece a atmosfera que será percebida na casa e indica o cuidado com o lar, portanto, mantê-lo em ordem é primordial. É um ambiente que está sujeito a combinação de pó e sujeira, a opção mais prática é a preferência por móveis com portas e gavetas. O hall de entrada pode dispor de: aparador ou mesa, tomadas, espelho, tapetes, suportes para guarda-chuvas, cadeiras, cabideiros, obras de arte e suporte para facilitar a troca de sapatos (GURGEL, 2009).

Na (Figura 02) podemos observar a perspectiva de um hall de entrada.

Figura 02. Perspectiva de um hall de entrada.



Fonte: Gurgel (2009).

- **Living / Sala de Estar / Sala de Visitas:**

O Living ou sala de estar, destina-se à convivência familiar, a recepções sociais, ou exclusivamente um espaço para relaxamento ou refúgio. É necessário determinar recursos que auxiliem no projeto de interiores como: qual a função desse ambiente, que atividades poderão ser executadas, a quantidade de pessoas e a frequência do uso (GURGEL, 2002).

A circulação deve ser simples e ampla (MANCUSO, 2010a). É obrigatório existir ventilação boa iluminação e uma circulação livre de tropeços (GURGEL, 2009). Em ambientes informais a circulação deve ser mais natural, sem traçados rígidos nesse ambiente. Livings ou salas de estar com grandes dimensões podem ser subdivididas ou setorizadas por intermédio do piso (diferentes níveis, materiais, tapetes, etc) ou do teto (forros de madeira ou gesso, rebaixados ou elevados) (GURGEL, 2002).

- **Sala de Jantar:**

A sala de jantar deve estar disposta próxima à cozinha facilitando o seu acesso. Evitar diferenças de piso nessas áreas é recomendável, pois sempre haverá alguém com uma bandeja na mão circulando entre esses ambientes (GURGEL, 2002).

O conceito de sala de jantar vem se transformando ligeiramente. As condições de vida atual, a falta de serviço doméstico e as limitações espaciais modificaram a concepção de sala de jantar padrão, no centro com uma grande mesa e um jogo completo de móveis no seu entorno. Há poucos anos atrás, a sala de jantar era o maior ambiente da casa ou, ao menos de maior relevância, independentemente de manter-se vazia a maior parte do dia. Com a evolução da sala de estar acompanhada da sala de jantar, esta perdeu seu prestígio, sendo reduzida ao mínimo. Porém, a

intenção de se estar sentado à vontade de modo confortável e com um espaço considerável não foi banida (MANCUSO, 2010a).

Espaço para o agrupamento da família e/ou amigos. É importante o uso de cadeiras confortáveis, com altura correta para a mesa de preferência. Para uma ótima refeição, é essencial garantir espaço livre para o movimento dos braços e para sentar. Este ambiente é usufruído com maior frequência em ocasiões especiais ou quando a copa/cozinha se tornou limitada para toda a família toda reunida (GURGEL, 2009).

Nesse ambiente, pode haver variações de iluminação, criando uma festa informal ou um jantar mais íntimo. Um lustre pendente sobre a mesa, com ou sem *dimmer*, auxiliam no charme e aconchego. Arandelas nas paredes funcionam como apoio em um jantar a velas. Uma iluminação por arandelas dispostas na lateral de um aparador completam a iluminação geral (GURGEL, 2002).

- **Home Theater / Sala de TV:**

Este ambiente tornou-se indispensável. O *Home Theater* é uma sala com sistema de som que simula a sensação de cinema no telão ou na televisão. Basicamente são 5 caixas de som (4 comuns e uma para o diálogo), mais um amplificador e um *subwoofer*. Existem sistemas práticos, simples e econômicos, e outros com tecnologias mais complexas. Através das mudanças sociais em que estamos passando, o “cinema em casa” é consequência desse processo social. O *Home Theater* reúne a família novamente. O mais importante desse projeto de interiores é estar ciente de que equipamentos serão utilizados para dimensionar o espaço, ou adequar o espaço para receber um equipamento específico (GURGEL, 2002).

Este ambiente pode possuir significados diferentes. Para algumas pessoas, representa um espaço especial, bastante confortável, totalmente acústico, com materiais e iluminação corretos, e que proporcione experiência compatível a de um cinema de verdade. Para outros, trata-se de apenas um sistema *sunround* em um ambiente com dupla função, tv e living, a título de exemplo. É necessário discutir com a família, as exigências para assistir filmes e TV, descobrindo a melhor solução para planejar a sala de tv (GURGEL, 2009).

- **Sala da Lareira:**

Esse ambiente é sinônimo de relaxamento, aconchego e possui uma atmosfera acolhedora. Há vários sistemas de aquecimento que dispensam a lareira, mas ela representa algo mais do que um simples aquecimento. A definição do tipo de lareira que é desejado utilizar: a gás, elétrica, à lenha, e o que o cliente espera desse ambiente, irão traçar o perfil para projetar o seu interior. Com

preferência a lareira deve ser o centro visual e de interesse, um formato diferente, com texturas e a parede onde será instalada se contrastando irá fazer toda a diferença. É importante evitar unir muitas informações ao mesmo tempo, pois o resultado pode ficar carregado ou ser cansativo (GURGEL, 2002).

A iluminação deve apresentar um clima íntimo e aconchegante, e também deve existir iluminações específicas para outras tarefas como a leitura. Esse ambiente pode dispor de: Um local para armazenamento de lenha se precisar, baú ou cesto, sofás, poltronas, *chaise-longues*, pufes e mesas de suporte. Deve ser evitado tapetes e materiais inflamáveis próximo à lareira (GURGEL, 2009).

- **Sala de Jogos ou de Brinquedos:**

Em residências de grande porte, esse ambiente é compatível com a realidade. É bom investigar para compreender as expectativas do local, o uso real a ser dado, quem irá usufruir, qual a faixa etária (MANCUSO, 2010a).

O espaço destinado às crianças deve apresentar um clima alegre e estimulante. Porém, é bom lembrar que as crianças não permanecerão eternamente crianças, esse ambiente deverá talvez se transformar em uma sala de estudos, salão de jogos ou *Home Theater*. Definir os materiais com a consciência dessa transformação é importante (GURGEL, 2002).

O assunto é extremamente amplo, pois há inúmeros tipos de aplicações que podem ser atribuídas a uma sala de jogos ou de brinquedos. Em salas de jogos se pode ir do simples baralho ao *ping-pong*, do *snooker* ao pimbolim. Dependendo do jogo, pode-se criar atmosferas distintas. Jogos especiais exigem mesas especiais. Muitas vezes a extensão desse ambiente chega ao *Home Theater* / Sala de TV. O que é relevante é a definição da utilização, para ser traçado um programa de necessidades (MANCUSO, 2010a).

É recomendável definir com precisão os pontos de tomadas, pensar em cada detalhe. A iluminação natural é recomendada, abusar de janelas (com proteção), portas de abrir ou de correr para jardins ou pátios internos. É necessário garantir a ventilação e circulação do ar (GURGEL, 2002).

- **Sala de Ginástica:**

Terrenos amplos tornam possível a localização da sala de ginástica separada do corpo principal da casa. Próxima à sauna e a piscina, aberta para um pátio interno ou jardim, vizinha da suíte principal, ou até em um dos dormitórios da residência, esse ambiente tornou-se cada vez mais

cobiçado e popular. O revestimento do piso deve ser seguro e prático. Materiais antiderrapantes, pisos vinílicos emborrachados, são indicados para absorver o som e o impacto. É necessário utilizar sempre difusores de luz, para evitar o incomodo da luz quando algum exercício no solo for executado. É bom optar por cores e tons que estimulem o movimento (GURGEL, 2002).

2.4.2 Áreas Externas

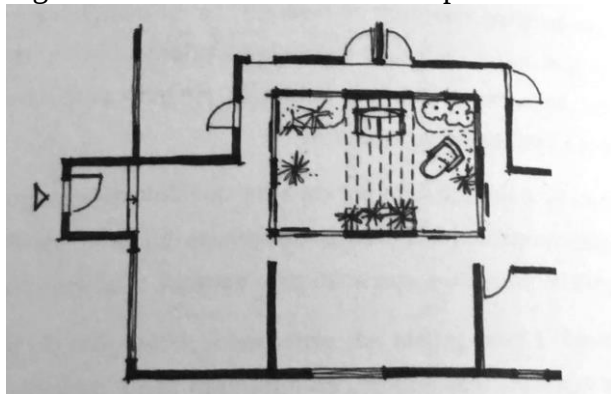
- **Pátio:**

Esse ambiente pode possuir muita flexibilidade, com áreas para sociabilização, relaxamento e recreação. Uma porção do pátio pode receber o suporte de uma cobertura evitando sol e chuva em excesso. É recomendável não fechar e cobrir totalmente para que a iluminação natural não seja prejudicada e para não propiciar o efeito estufa. O uso de pergolado de toldo em forma de vela de barco, estrutura de vidro e ferro ou alumínio e policarbonato, pérgola de concreto, pergolado de madeira rustica ou aparelhada, bambu e outras soluções, ajudarão no estilo do ambiente. (GURGEL, 2002).

Para deixar o ambiente mais interessante, é recomendável criar centros de interesse. Uma textura distinta na parede, uso da água na composição ou uma fonte, plantas exóticas podem incluir um elemento especial no local. Os materiais do piso devem ser seguros e antiderrapantes. É necessário projetar um sistema de águas pluviais com eficiência por receber um grande volume de água da chuva (MANCUSO, 2010a).

Na (Figura 03) podemos observar uma residência com a planta quadrada, o que oferece a opção de elaborar um pátio privativo interno, auxiliando na iluminação dos ambientes e seu uso é uma opção como área de lazer (GURGEL, 2002).

Figura 03. Planta residencial com pátio interno.



Fonte: Gurgel (2002).

- **Varanda e Sacada:**

Esse ambiente é programado para integração externa e atividade de lazer. Além da função social, essa área possui a função climática, pois concebe uma zona de sombras que impede a radiação solar direta nas paredes das fachadas (KOWALTOWSKI; SKUBS e WATRIN, 2003).

As varandas podem ser a extensão de outros ambientes, auxiliando na ampliação e integração. Elas podem ser contornadas com vegetação, podem ser plantas e árvores de pequeno porte plantadas em vasos. A varanda pode ser preenchida com deck de madeira, e seixos ou pedras maiores podem contorná-la (GURGEL, 2002).

No período contemporâneo, as varandas ganharam charme, funcionalidade e conforto. Conforme o perfil dos habitantes e as dimensões da edificação, a varanda ou sacada assume o papel de outros ambientes. Na (Figura 04), podemos observar uma varanda como área de lazer e conforto, com mobiliário que remete ao clima de férias, para recepcionar familiares e amigos (ROSSI, 2014).

Figura 04. Varanda acolhedora.



Fonte: Cristiane Alberto (2014).

Na (Figura 05) é possível observar uma varanda que assume diversas funções, como área de estudos para as crianças até o cantinho reservado para o jardim. Essa varanda é um espaço moderno, funcional e democrático, foi planejado também para refeições familiares informais. A distinção das atividades é delimitada pelos tipos diferentes de pisos e pelos revestimentos. Na área reservada para as crianças, o colorido ganha destaque, e o tapete de grama sintética chama a atenção sensorial, já na área de refeições e jardinagem o deck de madeira ganha a função de acolher o usuário. Na parede, há nichos para receber objetos e livros (ROSSI, 2014).

Figura 05. Varanda colorida e com múltiplas funções.



Fonte: Gustavo Calazans (2014).

Na (Figura 06) podemos identificar uma árvore incluída no projeto, uma árvore frutífera, um pé de jabuticaba. A paixão da família por plantas frutíferas deixou o ambiente mais especial e pessoal (ROSSI, 2014).

Figura 06. Varanda com um vaso de planta frutífera.



Fonte: Mariana Testa (2014).

- **Espaço *Gourmet* / Churrasqueira:**

O espaço *gourmet* ou a área da churrasqueira podem ser unificados com a sala de estar e sala de jantar. Esse ambiente pode dispor de: local para frigobar, bancada do tipo bar, sofás, mesas e cadeiras (MANCUSO, 2010b).

Na (Figura 07), podemos observar a extensão da varanda que se conecta ao espaço gourmet. A preferência por móveis rústicos, foi exigência do cliente na preocupação de evitar manchas de bebidas ou disfarçar os desgastes do tempo. O toque masculino é exibido em toda a decoração, com plaquinhas de comunicação e adega compacta. Churrasqueira e TV concluem o ambiente, que dependendo da ocasião assumem o papel de espaço *gourmet* ou *home theater* (ROSSI, 2014).

Figura 07. Extensão da varanda para o espaço *gourmet*.



Fonte: Mariana Testa (2014).

Nas (Figuras 08 e 09) é possível identificar que o espaço gourmet possui a função de uma sala de estar e um ambiente de refeições, ampliando a área social da habitação. O móvel planejado na parede cumpre o ofício de bar e aparador. As cadeiras de acrílico acompanhadas da mesa de madeira trazem sofisticação ao ambiente (ROSSI, 2014).

Figuras 08 e 09. Espaço *Gourmet*.



Fonte: Renata Cáfaró (2014).

2.5 ELEMENTOS DE INFLUÊNCIAS NA ARQUITETURA DE INTERIORES

Neste subitem é apresentado elementos que possuem influencia no espaço construído.

2.5.1 Uso das Cores

As cores possuem significados distintos e possuem influencias diferentes em cada pessoa, conforme as culturas existentes. O que para uns é tristeza para outros pode exprimir felicidade. Por exemplo, o luto é simbolizado pelo branco para os orientais e pelo preto para os ocidentais. Na cultura ocidental, o roxo possui o significado de tristeza pois está ligado emocionalmente às cerimônias *post-mortem*. Para os hindus, o lilás é sabedoria, evolução do espirito. Para os budistas o laranja é símbolo de humildade, e para os japoneses representa amor e alegria. Por isso é necessário o estudo e avaliação dos valores religiosos, sociais e culturais envolvidos no projeto (GURGEL,2002).

Existe também a psicologia das cores, que influi na personalidade das pessoas. Há inúmeros tipos de personalidade, pessoas agitadas ou calmas, tristes ou alegres, ativas ou pacatas, extrovertidas ou tímidas. Para cada característica da personalidade ou até estado de espirito, encontra-se cores relacionadas. Desse modo, nas cores encontramos diversos tipos de estimulação, há cores que entristecem, que acalmam, que intimidam, que ativam, que alegram, que agitam (MANCUSO, 2010a).

Todos os itens que integram um ambiente, possui determinada cor, até mesmo nos pequenos detalhes da decoração. É importante considerar cada pequeno detalhe, pois irá complementar o cenário e será responsável pelo resultado final. As cores de objetos de da parede podem mudar dependendo da luz que ilumina. As temperaturas das cores também influenciam um espaço, há cores que possuem o poder de diminuir um espaço, são as cores quentes, e há cores que podem ser capazes de ampliar um ambiente, são as cores frias. Por isso, saber aplicar uma cor ou uma tonalidade em um ambiente ou em um mesmo mobiliário, pode ser eficaz na tentativa de criar uma atmosfera desejada pelo cliente (GURGEL, 2009).

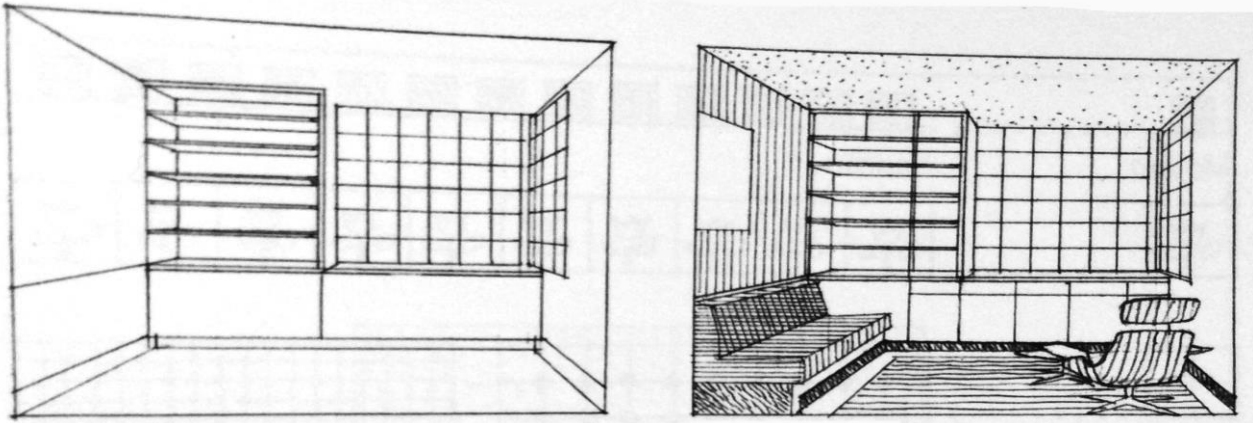
2.5.2 Uso de Texturas

Textura é uma particularidade inerente dos materiais que usamos para mobiliar e embelezar os espaços internos. A combinação e a composição de texturas distintas é tão importante quanto a cor e luz que devem combinar com o cenário e função do ambiente. O padrão de escala de uma textura deve ser associado a escala do espaço e de suas superfícies principais, como também as dimensões dos elementos internos. Em um ambiente pequeno, a textura preenche o local visualmente, ela deve ser sutil ou utilizadas cuidadosamente. Em um recinto maior, a textura pode

ser utilizada para reduzir a escala, ou delimitar uma área mais íntima dentro desse recinto (CHING, 2006).

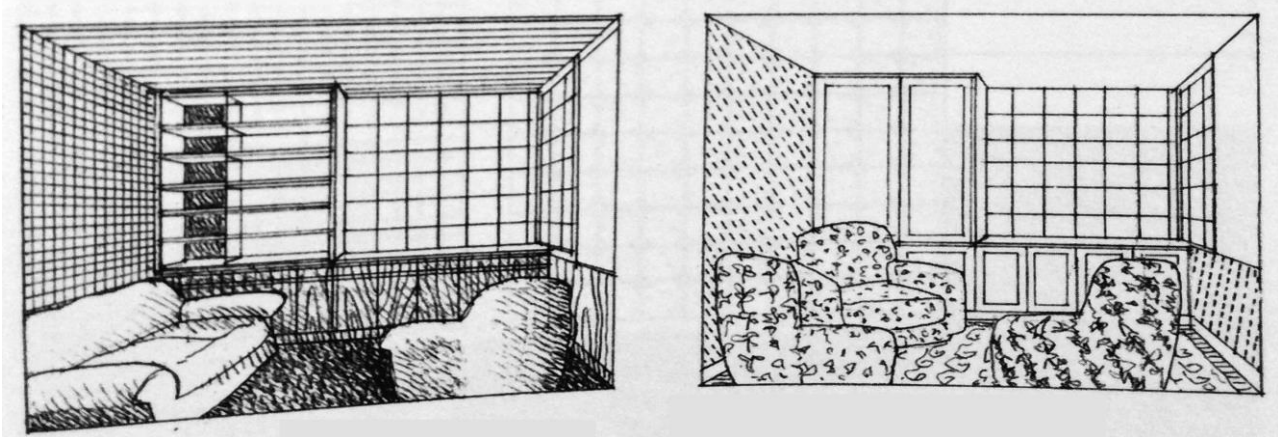
Nas (Figuras 10, 11, 12 e 13) podemos observar as diferenças de aplicação com textura mínima, texturizado, textura preenchendo o espaço e com texturas concorrentes.

Figuras 10 e 11. Aplicação de textura mínima e texturizado.



Fonte: Ching (2006).

Figuras 12 e 13. Aplicação de textura preenchendo o espaço e textura concorrentes.



Fonte: Ching (2006).

2.5.3 Revestimentos

Uma residência se resume em uma combinação de diferentes revestimentos (materiais). Eles são caracterizados por pisos, paredes, tetos até aos objetos (MANCUSO, 2010a).

São inúmeros os materiais disponíveis no mercado, para uso em ambientes externos e internos, cada um com suas particularidades. Ao escolher um material para determinada superfície, é importante verificar o que se deseja dela. Superfícies lisas refletem melhor a luz (podem riscar facilmente, porém são mais fáceis de limpar), superfícies ásperas ou texturizadas refletem menos a

luz (colaboram com uma atmosfera mais aconchegante, no entanto são mais difíceis de limpar) (GURGEL, 2009).

O papel do arquiteto é apresentar ao cliente todos as informações para a melhor opção. Expor todas as características de cada revestimento, durabilidade, conservação, manutenção, tempo útil, tipo de colocação, mão de obra requerida, custos aproximados, afinal, todos os dados essenciais para a tomada de decisão, que deve ser debatida entre profissional e cliente (MANCUSO, 2010b).

2.5.4 Iluminação Natural

A luz solar “ilumina” o espírito. Uma iluminação natural escassa entristece e deprime. Uma atmosfera favorável pela luz natural depende da quantidade adicionada, é recomendável trazer o sol para dentro da residência, e integrar o espaço exterior com o interior. Fatores como tipo de janelas, vegetação local, proximidade com edificações vizinhas, também podem interferir na quantidade de sol e de luz em um ambiente (GURGEL, 2002).

A luz oferecida pelo sol no período da manhã é energética e estimulante, apropriada para dormitórios, além de adulterar pouco as cores, auxilia a iniciar o dia. Conforme o sol vai se pondo, a luz vai se tornando mais amarelada e distorcendo, tornando-se menos brilhante e amarelado o espaço (MANCUSO, 2010a).

Ambientes voltados à face Norte recebem sol o durante o dia inteiro, já os de face sul, não recebem a luz solar em nenhum período, porem possuem claridade. Os de face leste recebem sol pela manhã, e os de face oeste recebem a luz solar quente durante a tarde (GURGEL,2009).

2.5.5 Iluminação Artificial

Toda luz artificial possui uma fonte de origem inspirada na natureza (MANCUSO, 2010a). A iluminação artificial é essencial na criação de efeitos específicos e deve ser empregada no projeto de interiores como algo notável. Pode ser aproveitada para destacar elementos, criar pontos de interesse, criar diferentes atmosferas, ou simplesmente iluminar (GURGEL, 2002).

Associar a luz artificial com a luz natural é fundamental, pois uma complementa a outra. Há diversos tipos de lâmpadas e diferentes tipos de luminárias, o que possibilita inúmeros efeitos. Estudar e planejar o projeto luminotécnico é importante como qualquer outra etapa do projeto (MANCUSO, 2010b).

2.5.6 Vegetação

Plantas são uma ótima fonte de oxigênio e umidade. Plantas ornamentais, frutíferas, ervas, ou vasos avulsos, e/ou um jardim particular, criam uma atmosfera agradável dentro da residência, em varandas, sacadas, espaços *gourmets*, em áreas de lazer no geral. Escolher o tipo de planta não depende somente do tamanho e da cor, é necessário pesquisar a quantidade de luz que ela pode receber, em quais estações do ano elas florescem, qual o tamanho do vaso, como deve ser cultivada, etc. Em áreas externas é interessante implantar um jardim vertical, aproveitando a parede para receber vasos ou cobri-la com folhagens ou plantas trepadeiras (GURGEL, 2009).

3. METODOLOGIA

O presente artigo utiliza a metodologia de revisão bibliográfica e estudo de caso.

A revisão bibliográfica, ou revisão de literatura, é a pesquisa de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. O seu objetivo é entrar em contato com todo o material escrito sobre um assunto específico, auxiliando o pesquisador na manipulação de informações e análises finais (MARCONI; LAKATOS, 1992).

Depois da pesquisa para a revisão bibliográfica, foi empregado a leitura de estudo, que desenvolve o raciocínio para formular e concretizar o pensamento proposto, solucionando o problema apresentado no artigo. O estudo de caso é um procedimento mais concreto de investigação, com a finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Presume uma postura mais tangível e estão limitados a um âmbito particular (MARCONI; LAKATOS, 2003).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

No ano de 2017, no município de Cascavel, no Centro Universitário - FAG, na disciplina de Estágio Supervisionado: Arquitetura, foi realizado o projeto “Meu Cantinho de Cara Nova” – 3ª Edição, que é uma iniciativa do CAUFAG (Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro FAG), que atende funcionários da instituição e do Hospital São Lucas com anteprojetos realizados por acadêmicos.

Tratando-se de um projeto com responsabilidade social sem responsabilidade técnica, os alunos não podem assinar, mas se o funcionário desejar seguir com o projeto realizado pelo acadêmico ele deverá aguardar a formação do profissional.

O grupo formado pelas seguintes acadêmicas: Camila Marshall, Daniela Caroline Javorske, Maila Morgana Tieppo e Patrícia Cristina Silva de Oliveira; elaboraram uma proposta de projeto para reformulação de fachada com criação de um espaço social e de lazer em frente à casa, projeto de interiores para a sala de estar/jantar e cozinha, e projeto de um pequeno espaço gourmet. Todos estes solicitados pelo beneficiário do projeto.

A seguir será apresentado a proposta, baseada em estudos e pesquisas para criação do anteprojeto.

Nas (Figuras 14 e 15), é possível observar a casa do beneficiário com a atual fachada. Sua solicitação foi a reformulação do portal de entrada (muro e portão), além de uma área social e de lazer em frente à casa para recepção de familiares e amigos.

Figuras 14 e 15. Atual fachada do beneficiário.



Fonte: Fotografado pela autora (2017).

Nas (Figuras 16 e 17) é permitido visualizar a proposta apresentada pelo grupo. Um portal de entrada reformulado, um muro com a fixação de vidro temperado (exigido pelo beneficiário) e um novo modelo de portão. O muro confeccionado com vidro possui um notável apelo visual, que ajuda a realçar a proposta da área social e de lazer, trazendo elegância ao projeto. O vidro trouxe ampla visualização da área externa da casa, para equilibrar essa vista, o novo modelo de portão diminui a visibilidade com as faixas horizontais e adição do elemento central fechado. O portão pode ser executado em ferro com pintura eletrostática ou alumínio.

Figuras 16 e 17. Portal de entrada reformulado.



Fonte: Projeto elaborado pelo grupo (2017).

Nas (Figuras 18 e 19) verifica-se a área social e de lazer em dois ângulos, o ângulo lateral que permite a observação da dimensão e implantação da área, e o ângulo superior onde é possível compreender a área de passagem e circulação para os assentos. As áreas de circulação que foram aplicadas dão conforto para os movimentos dos usuários.

Figuras 18 e 19. Área social e de lazer externa.



Fonte: Projeto elaborado pelo grupo (2017).

Nas (Figuras 20 e 21) podemos observar os elementos escolhidos e utilizados no projeto, o uso da madeira, o revestimento de Pedra São Tomé na parede externa do banheiro, o revestimento 3D aplicado na parede do muro com combinações de folhagens (jardim vertical), o vaso com buchinhos para decoração e a planta espada de são Jorge atrás do mobiliário. Os almofadados de fibra sintética na cor branca trazem uma atmosfera sofisticada ao ambiente. O pergolado oferece a entrada de luz natural na medida certa, e com a aplicação de vidro temperado na cobertura, o ambiente pode ser utilizado em dias úmidos.

Figuras 20 e 21. Área social e de lazer externa.



Fonte: Projeto elaborado pelo grupo (2017).

Nas (Figuras 22, 23 e 24) observamos o cenário atual da residência.

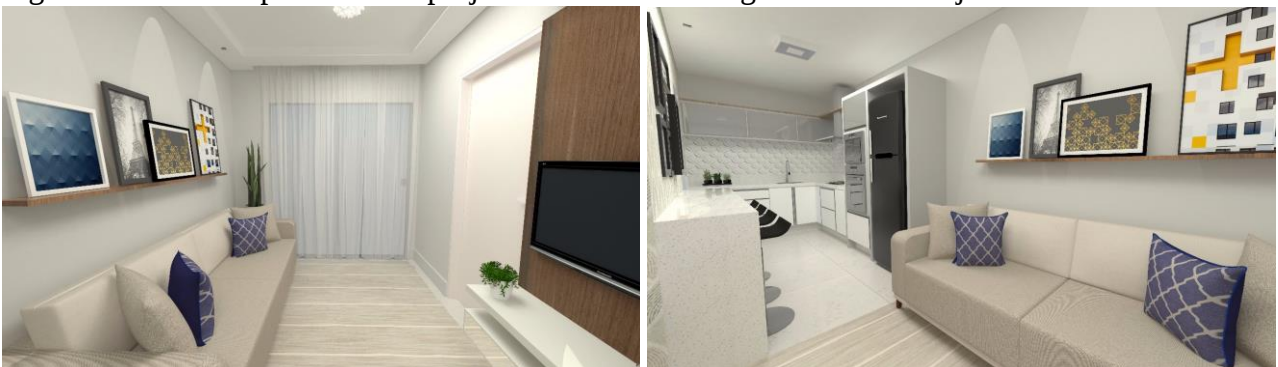
Figuras 22, 23 e 24. Porta de Entrada e interior da área integrada (sala de estar/jantar /cozinha/ lavanderia).



Fonte: Maila Morgana Tieppo (2017).

No anteprojeto de interiores da sala de estar/jantar e cozinha, a proposta seguiu o mesmo caminho, como a residência possui espaços reduzidos, é necessário abusar de cores claras para dar amplitude ao ambiente, o que pode ser visualizado nas (Figuras 22 e 23).

Figuras 22 e 23. Proposta de anteprojeto do ambiente integrado: sala estar/jantar e cozinha.



Fonte: Projeto elaborado pelo grupo (2017).

O espaço da cozinha também recebeu cores claras para ampliar o ambiente. Os armários e balcões foram dimensionados adequadamente. Cores em tom de cinza e preto foram adotadas para entrar em contraste e quebrar a tonalidade clara do ambiente, como é comprovado nas (Figuras 24 e 25).

Figuras. 24 e 25. Espaço da cozinha.



Fonte: Projeto elaborado pelo grupo (2017).

No espaço *Gourmet* (área da churrasqueira), o conceito da cozinha também foi aplicado à esse anteprojeto, por apresentar proximidade entre os dois ambientes. O espaço *Gourmet* que possui área para churrasqueira e teto de vidro retrátil, também acompanha uma lavanderia. Um ambiente prático e funcional.

Figura 26. Integração da cozinha com a área da churrasqueira – Espaço *Gourmet*.



Fonte: Projeto elaborado pelo grupo (2017).

Figuras 27 e 28. Área da churrasqueira – Espaço *Gourmet*.



Fonte: Projeto elaborado pelo grupo (2017).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Introdução apresentou-se o assunto: áreas sociais e de lazer em residenciais, e sua importância. Introduzidos os elementos que estruturaram a pesquisa, o desenvolvimento foi através de revisão bibliográfica e estudo de casos. Resgatando-se o problema da pesquisa, indagou-se: “Qual a relevância de uma área de lazer e descanso em uma residência? ”.

Os resultados apresentaram que a importância de possuir uma área social e de lazer na residência é porque é nela que acontece negociações profissionais, sociais e informais. Os espaços reservados à sociabilização devem possuir uma atmosfera que proporcione a convivência entre os usuários, que estimule a intercomunicação e que conduza ao relaxamento e a concentração. A existência desse espaço é fundamental no processo de relações sociais, porém esse ambiente recentemente está sendo esquecido, pois a área social e de lazer externa foi substituída pelos ambientes integrados. A área social ficou escancarada, e compõe na maioria das vezes, um grande ambiente onde tudo acontece, eliminando a área social externa. De modo geral, a privacidade migrou para os dormitórios e banheiros, e dificilmente os atuais clientes ou investidores imaginam a possibilidade de ler um livro em um jardim.

No decorrer do trabalho, ao se analisar o embasamento teórico obtido, percebeu-se que é relevante o arquiteto apresentar a opção de um espaço social e de lazer externo, independentemente de sua tipologia. Esse ambiente pode possuir muita flexibilidade, com áreas para sociabilização, relaxamento e recreação. A qualidade de um ambiente é consequência do poder de atração, estímulo e permanência dos usuários.

REFERÊNCIAS

CHING, F. D. K. **Arquitetura de Interiores Ilustrada**. Tradução Alexandre Ferreira da Silva Salvaterra. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

GARROCHO, J. S. **Luz Natural e Projeto de Arquitetura**: Estratégias de Iluminação Zenital em Centros de Compras. Brasília: UNB – Universidade de Brasília, 2005. Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Arquitetural/Pesquisa/luz%20natural%20e%20projeto.pdf>>. Acesso em 22 de Mar. 2017.

GONÇALVES, J. C. S.; BODE, K. **Edifício Ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.

GURGEL, M. **Organizando Espaços – Guia de Decoração e Reforma de Residências**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

GURGEL, M. **Projetando Espaços – Guia de Arquitetura de Interiores para Áreas Residenciais**. 5ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

KOWALTOSKI, D.; SKUBS, D.; WATRIN, V. **O Papel da Varanda no Conforto de Moradias Autoconstruídas**. Curitiba: ENCAC – COTEDI, 2003. Disponível em: <<http://www.dkowaltowski.net/1014.pdf>>. Acesso em 05 de Nov. de 2017.

MANCUSO, C. **Arquitetura de Interiores e Decoração - A arte de viver bem**. 8ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010a.

MANCUSO, C. **Guia Prático do Design de Interiores - Residencial, Comercial e Reforma**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010b.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 5. Ed. Editora Atlas: São Paulo 2002.

NEUFERT, E. **Arte de Projetar em Arquitetura**. 18. ed. São Paulo: Editora Gilli, 2014.

Revista ROSSI. **Varandas – Como Decorar esse Ambiente com Estilo**. Ano 8. Nº 38. Outubro/Novembro/Dezembro, 2014. Disponível em: <<http://www.rossiresidencial.com.br/Resources/Files/Revista%20PDF/Rossi-38-completa.pdf>>. Acesso em 05 de Nov. de 2017.

RIBEIRO, R. **Design, Emoção e Objetologia**: Estudo Contemporâneo sobre as Relações de Afeto entre Homem e Objetos – Produtos. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2009. Disponível em: <<http://ppgdesign.anhembi.br/wp-content/uploads/dissertacoes/31.pdf>>. Acesso em 04 de Nov. de 2017.

SILVA, H. S.; SANTOS, M. C. O. **O Significado de Conforto no Ambiente**. Residencial. The Meaning of Comfort in Residential Environments. PROARQ – Programa de Pós Graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. Disponível em: <http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista/public/docs/Proarq18_OSignificadoConforto_SilvaSantos.pdf>. Acesso em 03 de Nov. de 2017.

SIMÕES, F. M. **Acústica Arquitetônica**. Rio de Janeiro: Procel Edifica - Eficiência Energética nas Edificações, 2011.

ZMYLOWSKI, E. M. T. **O Espaço Doméstico Contemporâneo no Design de Interiores**: Uma Relação Física, Social e Sensorial. São Paulo : Universidade Anhembi Morumbi, PUC-Rio e Unesp-Bauru, 2008. Disponível em: <<http://portal.anhembi.br/sbds/pdf/27.pdf>>. Acesso em 03 de Nov. de 2017.